

CONSIDERAÇÕES SOBRE O ESPAÇO SAGRADO E MÍTICO, PAISAGEM E TERRITÓRIO NO EGITO FARAÔNICO

Elian Jerônimo de Castro Júnior¹

RESUMO: Este artigo abordará a relação existente entre a paisagem egípcia e a concepção dos espaços sagrado e mítico dessa sociedade antiga. Acreditamos que a formulação dos espaços mítico e sagrado contou com a concepção de uma paisagem e com o reconhecimento territorial no Egito Antigo. Para que visualizemos as ideias a respeito da paisagem e do espaço, optamos por descrever aqui brevemente os mitos egípcios de Criação e uma fonte escrita: um conto literário da 12^a dinastia.

Palavras chave: Egito Antigo – Território – Paisagem – Espaço Sagrado e mítico

SUMMARY: This paper aims to understand the relation between landscape in Ancient Egypt and the abstract conception of sacred and mythical space of that society. These conceptions of space were possible through the recognition of landscapes and the Egyptian territory. The ideas about landscape and space will be visualized through a brief description of creation myths and a short egyptian tale dated to 12th dynasty.

Key words: Ancient Egypt – Territory – Landscape – Sacred and mythical space

INTRODUÇÃO

A relação do homem para com o espaço que habita é transcendida por inúmeras instâncias que envolvem a abstração e o pensamento humano. Acreditamos que os egípcios conceberam um espaço sagrado e mítico tendo como base os elementos de sua paisagem, que também é moldada de forma subjetiva. Ambos os processos são de complexidade notável, pois necessitam da capacidade humana de abstrair: o homem egípcio, estando fortemente atrelado à observação da natureza e de seus ciclos, formulou as paisagens e os diferentes espaços a partir dos elementos que o rodeava.

O exercício de observação da natureza e a tentativa de entendê-la, por meio de abstrações (como os mitos, por exemplo), permitiram que uma cultura e uma ideologia própria dos povos que habitavam a margem do Nilo fossem desenvolvidas, sempre transcendidas por questões ligadas ao sagrado e a manifestações do divino. Devemos lembrar que o homem da Antiguidade não dissociava a religião das outras esferas de sua

¹ Estudante de graduação em História pela UFRN – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Lattes: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?metodo=apresentar&id=K4696367U2>

vivência. O princípio de ordem e de equilíbrio – ou *Ma'at* –, por exemplo, está intimamente relacionado à visão que a sociedade egípcia possuía do espaço em que se estabelecera: o Cosmos em oposição ao Caos era visto nos ciclos naturais perfeitos, como o nascer e o pôr do sol e as cheias do Nilo. Perceberemos que a sacralidade do espaço é qualidade *sine qua non* para a visão de mundo do homem antigo do Egito.

As questões filosóficas ligadas à paisagem e à questão do espaço mítico e sagrado são atendidas por autores contemporâneos, que não se direcionam apenas ao contexto do Egito na Antiguidade, sendo necessárias algumas adaptações para que possamos compreender as especificidades do contexto que aqui trabalhamos. Com breves descrições dos mitos de Criação e de um conto egípcio, perceberemos as questões do espaço sagrado e mítico permeadas pela concepção paisagística do homem dessa sociedade.

PAISAGEM E TERRITÓRIO

A observação do espaço em que vivemos é uma característica própria de nós humanos. Seja em qualquer sociedade, seja ela extinta ou ainda presente, os homens se organizam e se orientam a partir daquilo que veem ao seu redor. Esse olhar, por mais que possa parecer isento de grandes interferências sociais ou culturais, é na verdade mais um constructo da abstração de nossas mentes. Estamos construindo e desconstruindo - seja fisicamente ou de forma abstrata - as paisagens que nos cercam. Podemos considerar que as paisagens são uma forma de impacto humano sobre o meio ambiente, ainda que não o prejudique fisicamente. A ideia de ambientes intocáveis ou de paisagens naturais livres da ação humana parece incabível para realidade, pois as imagens que captamos desses locais já foram produzidas sob a nossa carga de subjetividade.

Somos também seres carregados de bagagens culturais, algo indissociável em nossas ações. Nossa percepção do espaço onde nos situamos carrega também valores e lembranças; nossa visão é transcendida por elementos concretos e abstratos. O caráter abstrato das paisagens não interfere em seu teor de realidade, mas pelo contrário, nos induz a perceber que os elementos concretos estão imersos em nossas abstrações. As paisagens podem nos revelar muito mais de nós mesmos do que do ambiente que estamos a ver. Não obstante, as paisagens também carregam historicidade, pois são

produtos de uma época e de um contexto social e específico. Dessa forma, concordamos com a seguinte assertiva:

[...] se a visão que uma criança tem da natureza já pode comportar lembranças, muito mais elaborada é a moldura através da qual nossos olhos adultos contemplam a paisagem. Pois, conquanto estejamos habituados a situar a natureza e a percepção humana em dois campos distintos, na verdade elas são inseparáveis. Antes de poder ser um repouso para os sentidos, a paisagem é obra da mente. Compõe-se tanto de camadas de lembranças quanto de estratos de rocha.[...]O que está além da vidraça de nossa apreensão, diz Magritte, requer um desenho para que possamos discernir adequadamente sua forma, sem falar no prazer proporcionado por sua percepção. É a cultura, a convenção e a cognição que formam esse desenho; que conferem a uma impressão retiniana a qualidade que experimentamos como beleza. (SCHAMA, 2009, p. 17-22)

Logo, se assumimos a postura de que paisagens são construídas pela mente humana, elas podem ser vistas como espaço de representação, segundo a teoria de produção de espaços de Henri Lefebvre (SCHIMID, 2012, p. 99): este se refere à dimensão da produção de espaços em que os significados se conectam aos símbolos, oriundos do espaço em que o homem se encontra – para o nosso caso, chamamos esse espaço de território. Esses símbolos, sejam naturais ou não, compõem aquilo que chamamos de paisagem, permeada de elementos simbólicos, culturais, abstratos e concretos. A percepção da paisagem, então, permite que se compreenda o território, ou o espaço em que se vive.

Pensemos então no contexto egípcio. Como já foi falado anteriormente, o homem dessa sociedade extraía da natureza ao seu redor não só o seu sustento, mas suas concepções de mundo e da realidade na qual se vivia. Atestamos essas afirmativas diante das palavras de Claude Traunecker (1995, p.27-28):

A existência do morador do Alto Egito desenrolava-se numa paisagem fortemente orientada, com o rio fluindo para o norte e os dois horizontes ocres dos desertos árabe e líbico, atrás dos quais surgia e desaparecia o disco solar toda manhã e toda tarde. Contrastante com amarelo e o vermelho pastéis do deserto, o lado fértil que seguia o rio ostentava tons puros: negro no momento da lavra, verde brilhante e luminoso quando cresciam as culturas, amarelo ardente quando o trigo estava maduro. [...] A orla do deserto marcava brutalmente o limite entre o mundo ordenado e nomeado da planície fértil e as vastas extensões informes e inorganizadas de areia e rochedos estéreis.

Os elementos geográficos, como foram ressaltados acima, foram de importância singular para a delimitação territorial do homem egípcio. Conseguindo se adaptar as adversidades do ambiente, nas áreas do vale do Nilo foi possível o desenvolvimento da agricultura, abastecendo toda a população do país. O papiro, suporte para escrita sagrada e palacial derivou da planta de mesmo nome que crescia nas áreas pantanosas do Delta, assim como o junco, espécie aquática similar ao papiro, utilizado também no cotidiano egípcio. Nas áreas desérticas, por sua vez, os egípcios contavam com grandes reservas de pedra, utilizadas largamente na construção de templos, pirâmides e tumbas. Em relação à fauna e flora, foram fonte de inspiração para muitos dos conceitos religiosos. Rosalie David (2011, p.33) afirma que

[...] a flora e a fauna do Delta e do Vale do Nilo eram bem diferentes do ambiente atual: nos primeiros tempos, havia cinturões de pântanos e charcos no sul, onde cresciam o papiro e o lótus, e vastos charcos de papiro no Delta, criando um habitat para vários pássaros aquáticos, crocodilos, hipopótamos e o sagrado íbis. A vida selvagem do deserto incluía animais como o leão, o leopardo, o avestruz, o cabrito-montês e o órix. [...] Existe uma evidência ampla de que plantas, animais e pássaros exerceram profunda influência nos conceitos religiosos e no simbolismo nos primeiros tempos no país.

Percebemos essa influência do meio ambiente nas crenças do homem egípcio, quando notamos que os deuses são associados à figura de animais e do próprio homem. Dentre muitos exemplos, podemos destacar: Sekhmet é a deusa representada pela leoa; estava basicamente associada à cura e as campanhas militares; o babuíno e o íbis eram associados a Thot, deus ligado a escrita e a sabedoria; Taueret era uma deusa em forma de hipopótamo que estava associada à fertilidade e à fecundidade.(DAVID, 2011, 537-540). Os mitos também retratam a paisagem egípcia como pano de fundo, como veremos mais adiante quando tratarmos especificamente de espaço mítico e os mitos egípcios da Criação.

ESPAÇO SAGRADO E MÍTICO: OS MITOS DE CRIAÇÃO E AS AVENTURAS DE UM NÁUFRAGO

Pensando na Antiguidade, em que o homem é religioso por excelência, o reconhecimento de um território permite também com a construção do espaço não só social, mas também sagrado e mítico. O processo produção do espaço conta com a formulação abstrata das paisagens, permeado pela noção de um espaço sagrado e mítico, que atuam de forma conjunta na mentalidade egípcia. Temos a relação entre espaço social, cósmico (sagrado/mítico) e o espaço natural (território) na seguinte afirmação:

Existe, na verdade, uma estreita relação entre o espaço natural e cósmico, o espaço social, enquanto espaço construído e o espaço percebido e representado. É a sociedade que produz o espaço social, através da apropriação da natureza, da divisão do trabalho e da diferenciação. O próprio espaço físico é também construção do imaginário individual e coletivo. Pode dizer-se que a relação com o meio ambiente é mediatizada por representações. Existe aqui uma circularidade: constrói-se como se representa e representa-se como se constrói. (FERNANDES, 2013, p. 63)

O homem antigo apresenta uma visão heterogênea do espaço, havendo aqueles considerados “sagrados”; dotados de significados e forma; em oposição ao espaço “não sagrado” ou profano, amorfo, sem significação alguma. Não obstante, o homem necessita de um ponto fixo para que se oriente no espaço, sendo a heterogenização espacial capaz de oferecer o “centro”. O espaço, então, ganha essa heterogeneidade quando surge algum tipo de manifestação do sagrado, ou hierofania, sendo mediada por símbolos que indicam a sacralidade de determinado local. Mircea Eliade (1992, p. 17) afirma que

É preciso dizer, desde já, que a experiência religiosa da não homogeneidade do espaço constitui uma experiência primordial, que corresponde a uma “fundação do mundo” [...] Quando o sagrado se manifesta por uma hierofania qualquer, não só há rotura na homogeneidade do espaço, como também revelação de uma realidade absoluta, que se opõe à não realidade da imensa extensão envolvente. A manifestação do sagrado funda ontologicamente o mundo. Na extensão homogênea e infinita onde não é possível nenhum ponto de referência, e onde, portanto, nenhuma orientação pode efetuar-se, a hierofania revela um “ponto fixo” absoluto, um “Centro”.

Vivemos uma época em que a religiosidade tem se mostrado menos implícita em relação ao espaço. Tendo em vista que estamos relativamente menos religiosos que os homens antigos, a noção de um espaço sagrado para a atualidade não é tão clara para a maioria das pessoas, como foi observado para o período da Antiguidade. Contudo,

ainda que não vivenciemos mais uma vida pautada no espaço sagrado; mas sim profano; determinamos qualificações para os locais ou espaços: atribuímos valores sociais, lembranças e sentimentos a determinados lugares que passamos em algum momento. Apesar de convivemos com inúmeros “centros” de orientação, determinamos essa qualidade ao espaço em que estamos localizados, sem que necessitemos atribuir valores sagrados para isso.

Outra característica nos difere do homem da antiguidade: encontramos a explicação para a maioria de nossas indagações de forma racional e científica, produto de séculos de acúmulo do pensamento humano. Os mitos que ainda persistem nos dias atuais ganharam outras roupagens, sobrevivem em figuras políticas, artísticas, mas não possuem a mesma função de outrora. O homem da antiguidade, por sua vez, explicava aquilo que o cercava por meio de mitos, envolvendo também a criação de um espaço. Esse espaço mítico é um constructo intelectual sofisticado, complexo, exigindo muito da capacidade humana de pensar de forma abstrata. Yi-Fu Tuan (1983, p.97) conceitua o espaço mítico afirmando que ele se divide em duas partes, em que

Em um deles, o espaço mítico é uma área deficiente do conhecimento deficiente envolvendo o empiricamente conhecido; emoldura o espaço pragmático. No outro, é o componente espacial de uma visão de mundo, a conceituação de valores locais por meio da qual as pessoas realizam suas atividades práticas.

O primeiro tipo de espaço mítico pode ser explicado, em breves palavras, como uma extensão da nossa experiência direta com o espaço que conhecemos aplicada para outros espaços que nunca estivemos. A noção geográfica que já existe e é própria de um espaço (conhecido) é transplantada para outro (desconhecido), sem haver confirmação empírica para isso. Em outras palavras, pouco pode corresponder com a realidade prática.

O segundo tipo de espaço mítico está vinculado a uma visão de mundo, com bases cosmológicas. O mundo é entendido pelas pessoas sob uma ordem e harmonia, tanto na natureza quanto na sociedade que se estabelece nesse espaço. Essa condição de ordem e equilíbrio cosmológico é uma qualidade vista como necessária para que haja habitação. O Egito é um típico exemplo de sociedade que pauta sua visão do mundo de acordo com uma cosmologia complexa. (TUAN, 1983, p.99)

Os mitos de criação do Egito cabem perfeitamente para exemplificar o que foi tratado acima. Apesar de haver algumas variações, acredita-se que o conceito egípcio de criação do universo possui certa uniformidade, sendo as principais dessas variantes encontradas em Heliópolis, Tebas e Mênfis. A uniformidade desse conceito estaria na proposição de que tudo que existia surgiu de uma única fonte original, bem como o deus criador transformou sua unidade em todas as formas de vida conhecidas no mundo.

Essas narrativas irão trazer a figura de um deus criador, deidade responsável pela criação de todo o universo; o surgimento do mundo se dá em uma ilha, imersa em um oceano primordial, estático, da “não existência”, que delimita o espaço (já sendo possível perceber uma breve noção de território). O momento da criação é perfeito e completo, dotado de um dinamismo de forças que mantinham a harmonia dos ciclos naturais – as cheias do Nilo, nascer e o pôr do sol, o nascimento e a morte do homem. Os mitos trazem ainda a ideia de um passado governado por deuses, responsáveis pela manutenção da ordem; ou *Ma'at*; e que esse era o dever a ser mantido pelo homem quando subisse ao trono. A ideia de deuses governando o Egito é uma forma clara de equiparar o Cosmos ao mundo terreno, em que a harmonia do primeiro deve existir no segundo. Rosalie David (2011, p. 119) infere que

[O mundo criado] Contrastava fortemente com o universo exterior “não existente”: o mundo criado era finito, iluminado pelo sol e repleto de atividades diárias, ao passo que a região exterior era limitada, escura, estática. O mundo criado flutuava no oceano sem limites da escuridão e das águas paradas, de onde originou sua própria fonte de água.[...] Consistia na terra abaixo e no céu acima, que eram separados pela atmosfera. O céu formava uma interface entre a terra e o oceano ilimitado. No mundo criado, a existência diária era ordenada pelo nascer e pelo pôr do sol, que navegava pelo céu durante o dia e, então, desaparecia a noite, quando passava pra outro lugar, o Duat, que era localizado dentro do corpo do céu. [...] O Duat era a morada dos deuses e dos mortos, que eram governados pelo sol durante sua passagem por esse reino.

Observamos que o espaço imaginado da criação relaciona-se com a paisagem egípcia, uma vez que os elementos da realidade vivida pelos egípcios são retratados nos mitos do surgimento do universo. A paisagem e seus elementos (o sol, as cheias do Nilo, por exemplo) fazem parte e atuam como cenário dessa criação; tanto o *Kemet* quanto o *Duat* apresentam características vivenciadas na realidade do homem egípcio.

Muitas das sociedades antigas também vão apresentar a visão de centralidade do espaço em que estão habitando. Yi-Fu Tuan vai dizer que apesar de haver algumas divergências entre as culturas, existem algumas características em comum em relação a orientação do espaço, quando infere que

[O espaço mítico orientado] Organiza as forças da natureza e da sociedade associando-as com as localidades ou lugares significantes dentro do sistema espacial. Tenta tornar compreensível o universo através da classificação de seus elementos e sugerindo que existem influências mútuas entre eles. Atribui personalidade ao espaço, consequentemente transformando o espaço em lugar. (1983, p.103)

Percebemos aqui a influência das ideias Eliade na visão de Yi-Fu Tuan no que concerne à questão da centralidade do espaço habitado. Logo, notamos que, seja no espaço mítico ou o espaço sagrado – ambos complexos e construídos de forma abstrata pelo pensamento humano – o homem exibe tal necessidade de se estabelecer no centro e assim se orientar no mundo. O pensamento egípcio consegue abarcar diferentes abstrações acerca do espaço, sem que haja algum conflito ou anulação de uma visão em detrimento de outro.

A orientação permite que as sociedades diferenciem seu espaço em relação ao que é desconhecido, surgindo então uma oposição entre o Cosmos e o Caos refletida no espaço conhecido e o espaço estrangeiro, respectivamente. O território em que se habita é marcado pela ordem, pela forma e pela harmonia dos elementos. Associa-se ao mundo estrangeiro, por sua vez, a ideia do caos, desorganização, desarmonia, juntamente com figuras monstruosas e seres demoníacos. Para se estabelecer no espaço desconhecido, é imprescindível que aconteça a fundação cósmica desse espaço, representada por ritualizações que permitam o encontro do homem com o sagrado. Eliade complementa nossa afirmação ao dizer que

À primeira vista, essa rotura no espaço parece consequência da oposição entre um território habitado e organizado, portanto “cosmizado”, e o espaço desconhecido que se estende para além de suas fronteiras: tem se de um lado um “Cosmos” e de outro um “Caos”. Mas é preciso observar que, se todo território habitado é um “Cosmos”, é justamente porque foi consagrado previamente, porque, de um modo ou outro, esse território é obra dos deuses ou está em comunicação com o mundo deles. [...]É fácil compreender por que o momento religioso implica o “momento cosmogônico”: o sagrado revela a realidade absoluta e, ao mesmo tempo, torna possível a

orientação – portanto, funda o mundo, no sentido de que fixa os limites e, assim, estabelece a ordem cósmica. (1992, p.21)

Enxergamos as lógicas de espaço mítico e de fundação do espaço sagrado no pensamento egípcio. O conto intitulado *As aventuras de um naufrago* nos traz essa noção de que o Egito é o espaço conhecido, cosmizado e orientado quando o personagem, que após ter se deslocado da Corte em uma expedição marítima, se vê aprisionado numa ilha com uma grande serpente, devido a uma tempestade no mar que o arrastou durante alguns dias. O texto se encontra completo no *códex unicus*, Papiro de São Petersburgo. Ele data da 12ª dinastia (Médio Império), foi escrito de forma arcaizante em 189 linhas. (ARAÚJO, 2000, 73-79)

O conto traz a narrativa de um personagem que relata sua experiência marítima a outro personagem, que acabara de voltar de uma expedição nos mares. O primeiro personagem conta que em sua aventura, juntamente com mais 120 marinheiros, enfrentou uma forte tempestade em alto mar, resultando em um naufrágio. Sozinho, após alguns dias perambulando nas águas, o personagem encontrou uma ilha, onde se abrigou e encontrou alimento em abundância.

Ao descrever os frutos e animais que ali se encontravam, notamos a apropriação dos elementos da paisagem egípcia aplicados ao espaço desconhecido: figos, uvas, pepinos, frutos *kau* e *nekut*, derivados do sicômoro (planta típica da flora egípcia) bem como peixes e pássaros. Estabelecendo-se ali, o personagem acendeu uma fogueira para queimar oferendas aos deuses: para habitar aquele espaço, ele ritualiza o seu ato, promovendo uma abertura para o sagrado e o Cosmos.

O habitante dessa ilha, no entanto, não se assemelha fisicamente ao personagem egípcio; era uma grande serpente de pele dourada e de sobranceiras de lápis-lazuli, descrição típica dos deuses egípcios. Mais uma vez temos uma peculiaridade nesse relato: o habitante da ilha assemelha-se fisicamente a uma divindade egípcia, ainda que seja desconhecido enquanto divindade pelo personagem vindo do Egito.

[...]Contarei o que me aconteceu (nesta ilha), o que vi de teu poder, e preces serão ditas por ti na (minha) cidade diante de todos os dignitários do meu país, abaterei (¹⁴⁵) touros por ti, assados em oferendas, e torcerei o pescoço de gansos por ti. Enviar-te-ei navios carregados de todas as coisas preciosas do Egito, como se faz por um

deus que ampara os egípcios numa terra longínqua ainda não conhecida por eles. (ARAÚJO, 2000, p.78)

O personagem consegue retornar ao seu país, carregando muitos presentes do habitante da ilha. Nesse trecho, conseguimos notar algum tipo de orientação espacial – a ilha continua sendo um espaço fora dos limites do Egito - em que o personagem fala de seu retorno:

Desci a praia próxima do navio e chamei atenção de sua tripulação. Dei graças, na praia, à senhora desta ilha e os que estavam no navio fizeram o mesmo. Navegamos na direção norte, para a *Residência do soberano ⁽¹⁷⁵⁾ e entreguei-lhe os presentes que trouxera dessa ilha. Ele agradeceu-me na presença dos dignitários de todo o país. Fui designado *acompanhante e gratificado com duzentos servos. (ARAÚJO, 2000, p79)

A escolha por esse conto egípcio se deu, principalmente, por ser possível de obtermos uma breve noção espacial do homem egípcio em relação ao seu território e ao espaço desconhecido. Consideramos essa noção peculiar por tratar o espaço desconhecido de forma ambígua, uma vez que a ilha desconhecida possui características naturais do ambiente egípcio, mas é habitada por uma serpente; ser mitológico associado ao Caos e ao espaço desconhecido. No caso desse conto egípcio, a serpente não apresenta características negativas; pois foi condolente e generosa com o personagem que narra para nós sua aventura; assemelha-se a alguma divindade similar que existia no Egito, ainda que não pertencesse a ele. A própria descrição do espaço dessa ilha assemelha-se com o Egito, ainda que o personagem não reconheça tal ambiente como seu território, pois não foi consagrado, fundado ontologicamente pela repetição de uma cosmogonia.

CONCLUSÃO

As considerações desenvolvidas neste trabalho nos permitem concluir que o pensamento egípcio sobre o seu território é pautado em diferentes formas de abstração relacionadas ao espaço: os espaços sagrado e mítico produzidos nessa sociedade possuem complexidade notável, coexistem no imaginário do homem e são transcendidos pela concepção de paisagem. Acreditamos que a paisagem é também um espaço de representação, onde é possível atrelar significados simbólicos aos elementos naturais que se apresentam ao redor do homem. Essa visão reforça mais ainda a afirmação de que paisagens são constructos sociais e culturais, próprios de uma sociedade e de seu tempo.

As breves descrições dos mitos de Criação do Egito e do conto literário *As aventuras de um naufrago* permitiram que visualizássemos as questões relacionadas à paisagem, território e espaços sagrado e mítico. Pudemos notar que a paisagem egípcia foi o plano de fundo dos principais mitos de criação do Egito, assim como no conto que aqui foi descrito. Notamos uma ideia de delimitação territorial quando o personagem dessa história se afasta, devido ao naufrágio, e não reconhece o ambiente que se encontra como parte de seu país. Ainda que o local esteja fora do que se conhece geograficamente, a descrição dos elementos naturais da ilha em que o personagem se encontra coincide fortemente com o que existia no Egito.

Com o suporte teórico de Mircea Eliade e Yi-Fu Tuan e mediante algumas adaptações, foi possível termos uma noção do grau de complexidade e originalidade que o homem egípcio desenvolveu para os diferentes espaços de sua sociedade. Diferentes concepções espaciais surgiram sem que uma se sobressaísse em relação à outra dentro do pensamento egípcio. A apropriação dos elementos da natureza e a capacidade de abstração inerente ao homem possibilitaram o surgimento e o desenvolvimento de uma visão de mundo indissociável das crenças religiosas.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Emanuel. As aventuras de um náufrago. **Escrito para a eternidade**. A literatura no Egito faraônico. Brasília: UnB. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2000. P. 73-79
- DAVID, Rosalie. Criação da civilização Egípcia. In: _____. **Religião e Magia no Antigo Egito**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011. P.21-62
- _____. O surgimento da religião. Ascensão do culto solar. O Antigo Império, c. 2686-c 2181 a.C. Mitos da criação. In: DAVID, Rosalie. **Religião e Magia no Antigo Egito**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011. P.118-128.
- _____. Glossário. Deidades. Sekhmet, Taueret e Thot. In: DAVID, Rosalie. **Religião e Magia no Antigo Egito**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011. p.537-540.
- ELIADE, Mircea. Cap. 1. O espaço sagrado e a sacralização do mundo. In: _____. **O sagrado e o profano**. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 17-37.
- FERNANDES, Antonio T. **O espaço social e suas representações**. Disponível em: <<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/artigo6661.pdf>> Acesso em 5 dez. 2013.
- SCHAMA, Simon. **Paisagem e Memória**. São Paulo: Cia das Letras, 2009. Introdução. Prólogo. Primeira parte: Mata. Cap. 1. p. 13-84.
- SCHMID, Christian. **A teoria da produção do espaço de Henri Lefebvre**: em direção a uma dialética tridimensional. GEOUSP – espaço e tempo, São Paulo, nº 32, p. 89-109, 2012.
- TRAUNECKER, Claude. **Os deuses egípcios**. Cap. 2. O Mundo dos Antigos Egípcios. 1. A realidade geográfica e social. 2. O homem. p. 27-38.
- TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. São Paulo: DIFEL, 1983, p. 96-112. Cap. 7. Espaço mítico e lugar. P. 96-112.